

Educação estética: alguns princípios orientadores para práticas pedagógicas emancipatórias no cotidiano escolar

Aesthetic education: some guiding principles for emancipatory pedagogical practices in daily school

Maria Lúcia de Amorim Soares¹
Eliete Jussara Nogueira²

Resumo

No caminho de Bourdieu que pensa a cultura adquirida por familiarização insensível, no caso dos indivíduos socialmente privilegiados, ou por inculcação escolar no caso dos indivíduos desfavorecidos, este texto é indicativo de princípios orientadores para práticas pedagógicas emancipatórias. Como na contemporaneidade as experiências indicam a formação de subjetividades fluídas, três exemplos têm como pressuposto o ato educativo enquanto educação estética.

Palavras-chave: Práticas pedagógicas; Cotidiano escolar; Educação estética

Abstract

On the way Bourdieu thinks that the culture gained by insensitive familiarity, in the case of socially privileged individuals, or inculcation school in the case of disadvantaged individual, this text is indicative of guiding principles for emancipatory pedagogical practices. In contemporary experiments indicate the formation of subjectivities fluid, three examples have assuming as the educational act as aesthetic.

Keywords: Pedagogical practices; Daily school; Aesthetic education

¹ Geógrafa, Doutora em Ciências: Geografia Humana pela USP, área de pesquisa em educação e cotidiano escolar, Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado e Doutorado) da Universidade de Sorocaba. maria.soares@prof.uniso.br

² Psicóloga, Doutora em Educação pela Unicamp, área de pesquisa em educação e cotidiano escolar, Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado Doutorado) da Universidade de Sorocaba. eliete.nogueira@prof.uniso.br

Educação estética: alguns princípios orientadores para práticas pedagógicas emancipatórias no cotidiano escolar

Maria Lúcia de Amorim Soares
Eliete Jussara Nogueira

Introdução

O que está errado na sociedade em que vivemos, diz Cornelius Castoriadis (1996, p.3) “é que ela parou de se questionar”. É um tipo de sociedade que não reconhece mais qualquer alternativa para si mesma e, assim, sente-se absolvida do dever de examinar, demonstrar, justificar ou de provar a validade de suas suposições francas e tácitas. Essa sociedade não suprimiu o pensamento crítico como tal nem fez com que seus membros tivessem medo de enunciá-lo. De alguma forma, no entanto, essa reflexão não chega longe o bastante para abranger as condições que conectam nossos movimentos com seus resultados e suas conseqüências. Estamos predispostos a criticar, mas nossa crítica é, por assim dizer “sem dentes”, incapaz de afetar a agenda estabelecida para nossas escolhas de políticas de vida. Em outras palavras, poderíamos dizer que a “crítica ao estilo do consumidor” chega para substituir aquela voltada para o “estilo do produtor”.

Essa mudança funesta não pode ser explicada apenas pela referência a uma mudança de ânimo público, uma diminuição do apetite pela reforma social, um interesse gradualmente diminuído pelo bem comum e pelas imagens de uma boa sociedade, uma queda na popularidade do engajamento político ou uma maré crescente de sentimento hedonista e de “eu primeiro”; embora todos esses fenômenos sejam na verdade sinais de nossos tempos. As causas da mudança são mais profundas; estão enraizadas em uma profunda transformação do espaço público e na forma em que a sociedade moderna trabalha e se autoperpetua. (BAUMAN, 2008, p.131).

Contrapondo-se a essa perspectiva, e dialogando com a estética do fragmento, em *loops*, que esse texto terá seu desenrolar. Objetivando a criação de um todo cujo

significado extrapole o lacunar de suas partes constituintes, explicitamos algumas possíveis práticas pedagógicas a serem colocadas em operação no cotidiano escolar.

Como na contemporaneidade a pluralidade de experiências parece indicar a formação de subjetividades fluídas e heterogêneas, na medida em que nos distanciamos da compreensão cartesiana de subjetividades pela qual o sujeito é idêntico ao seu pensamento, apresentamos de maneira puramente contextual a possibilidade de levar para a escola pública “Figuras na paisagem: esteroscopia”, “Sala de aula virando poesia” e “Tlon, Uqbar e Orbis Tertium” enquanto práticas emancipatórias. Assim, em estado latente, uma proposição audaciosa: se conhecer é inseparável de transformar, se transformar é desordenar – desorderna-se de um lado, ordena-se de outro inseparavelmente; e se ordenação é estrutura, e estrutura é ... é o trabalho escolar de professores hoje, híbridos de carbono e silício, que vai alimentar a incompletude da escola pública contemporânea.

Neste sentido, o pensar de Bourdieu (2007) abre caminho para afirmar que uma das causas do rendimento escolar está associada à importância da bagagem cultural vinda do meio familiar, como herança cultural. Segundo ele, em comentário de Nogueira e Nogueira:

A sociedade produz (e a escola reproduz) uma oposição entre dois modos diferentes que os indivíduos apresentam – de acordo com sua origem social – de se relacionar com o mundo da cultura, e isso desde o nascimento. O primeiro modo, próprio dos dominantes, define-se por uma relação do tipo aristocrático, marcada pela familiaridade e pela intimidade com a cultura legítima, o que resulta numa relação desenvolva, descontraída, fácil elegante, segura, diletante, numa só palavra “natural”, com as obras culturais. Já o segundo tipo, próprio dos dominados, define-se por uma relação do tipo popular, caracterizada pela estranheza e pelo embaraço, o que desemboca numa relação tensa, laboriosa, árdua, esforçada, desajeitada, acanhada, interessada com as obras de culturas. (2009, p. 76)

Na teoria bourdieusiana, o que dá origem e constitui esse ou aquele tipo de relação é o modo pelo qual a cultura foi adquirida: por familiarização insensível (e mais precocemente), no caso dos indivíduos socialmente privilegiados, ou por inculcação escolar (e mais tardiamente) no caso dos indivíduos sociais desfavorecidas.

Reforçando: na verdade Bourdieu observa a responsabilidade da escola na continuidade das desigualdades sociais, isto é, a pedagogia usada tem como foco o aluno que detêm a herança cultural exigida pela cultura escolar. Em outras palavras: o sistema tem como função objetiva perpetuar os valores que estabelecem a ordem social, criando um ciclo de vantagens cumulativas para os indivíduos advindos das classes favorecidas. As crianças advindas de classes favorecidas, apresentam mais facilidade com a língua culta por vivenciar vários domínios culturais, tais como o cinema, a pintura, a música, a dança, as viagens, entre outros. O contrário acontece com as crianças das classes desfavorecidas, ainda segundo Bourdieu, porque não se relacionam com um ambiente rico linguisticamente (de acordo com os padrões da norma culta) e isso passa a ser um obstáculo cultural para o seu desempenho escolar. Há uma maior dificuldade para compreender e decifrar os símbolos da cultura dominante e os seus significados quando são exigidos na escola.

Sabe-se que os seres humanos começam a se distinguir dos animais quando se tornam capazes de manter uma relação material produtiva com a natureza, ou seja, de produzir seus meios de existência. Desta forma, a ação do homem sobre a matéria ocorreu em função de sobrevivência (objetos de sobrevivência), e de outras exigências criadas pelo próprio homem (objetos com funções e finalidades variadas com o intuito de suprir as necessidades: os objetos utilitários). Contudo, nota-se que entre as prioridades criadas pelo ser humano emerge a necessidade de uma produção denominada de “transutilitária”, que se estende para além da função original de utilidade (VÁZQUEZ, 1999). Nesse contexto se origina a produção estética (MUNHOZ, ZANELLA, 2000). Assim, pode-se dizer que a relação estética é uma das formas mais antigas da relação do homem com o mundo, antecedendo o direito, a política, a filosofia e a ciência. Precede até mesmo a magia, o mito e a religião (VÁZQUEZ, 1999).

Processos criadores se fizeram e se fazem importantes para desestabilizar os lugares estabilizados, uma vez que “vivemos” a mudança cujo braço distinto é a fugacidade, a fragmentação, o provisório na relação sujeito-mundo (JAMENSON, 2000). Processos criadores que se distanciam dos processos tradicionais de ensino, carregados de relações verticalizadas, para chegar a saberes que envolvem a

constituição do sujeito como um todo, do aluno como também do professor, que se protagonizam ao criarem novas pedagogias, recriando-se. (MAHERIE, ZANELLA, DAS ROS, 2007)

Na entrega de três exemplos, enquanto práticas emancipatórias – “Figuras na paisagem: estereoscopia”, “Sala de aula virando poesia”; e “Tlon, Ugbar e Orbis Tertium” – neste artigo indicamos maneiras criadoras para o exercício no cotidiano escolar, possibilitando tecer conhecimentos relevantes socialmente e contribuições efetivas à emancipação da sociedade. Tem como pressuposto a compreensão do ato educativo como processo que remete a enredamentos, inter-relações e negociações na constituição, na modificação e na consolidação de um novo olhar propiciando a educação dos sentidos, logo uma Educação Estética.

Embora os exemplos a seguir mencionados necessitem de uma explanação mais detalhada quanto a seus desdobramentos, que são de grande complexidade, apenas o fazer, isto é a dinâmica do desafio, produzirá uma resposta clara sobre as relações entre os indivíduos e sua posição no espaço social, no caso específico: na escola pública. É preciso explicitar que *loops* são processos de temporalização, por meio dos quais, pela repetição, geramos a diferença, passando sem cessar do mesmo do outro. Informa-nos Aline Couri (2006) que é a

repetição de pequenos trechos, visando a criação de um todo cujo comportamento extrapole o de suas partes constituintes. O *loop* torna-se importante na medida em que existe como um conceito, possibilitando diversas apropriações (que possuem semelhanças que permitem o agrupamento de todas essas possibilidades neste mesmo conceito), e também como ferramenta, possibilitando resultados impossíveis de serem alcançados sem seu uso. (p.41)

Práticas Pedagógicas Emancipatórias

Primeiro Loop – para construir com os alunos

Figuras na Paisagem: Estereoscopia

André Parente é professor da Escola de Comunicação da UFRJ. Coordenador do núcleo de Tecnologia e Imagem desta escola, além de artista e pesquisador da imagem e das novas mídias. Em 2004, ganha o Prêmio Sergio Motta de Arte e Tecnologia

com um trabalho que mistura técnicas fotográficas e computacionais na realização de uma instalação interativa intitulada “Figuras na Paisagem: Estereoscopia”, instalação apresentada em uma exposição no Paço das Artes, em São Paulo, em agosto e setembro de 2005.

É necessária a longa descrição da instalação realizada, com a discussão de alguns dos seus principais aspectos técnicos e conceituais para, assim, tentarmos explicitar aspectos de seu conceito e de sua expressão como prática.

A instalação mostra, usando a descrição de Parente (2006, p. 62), em uma projeção de quatro metros de largura por três de altura, um homem e uma mulher que se olham, em campo/contracampo. No meio da sala, o espectador dispõe de um *mouse*, sob um cubo de madeira, para ativar a imagem de cada um dos personagens. Se o cursor é colocado na parte de cima da tela, a imagem avança em um *zoom-in*. Se colocado na parte de baixo, a imagem recua, em *zoom-out*. Se o cursor é colocado na parte mediana, o movimento do *zoom* para e a imagem fica parada.

A medida que o espectador prova um *zoom*, ele percebe que a imagem é feita de várias outras imagens. A imagem do homem é formada por milhares de imagens de mulher e reciprocamente. Na verdade, para cada pixel da imagem, das duas imagens, corresponde a imagem do outro, em contracampo. Portanto, o movimento do *zoom* se torna infinito e interativo, como em um *zoom* realizado sobre uma imagem fractal.

Em uma imagem fractal, a parte é igual ao todo, de forma que a realização de um *zoom* de uma das partes corresponde ao movimento de retorno ao seu início. É exatamente isto que ocorre na instalação de André Parente: vemos o homem. Ele está em pé, olhando frontalmente para a câmara, na ala das palmeiras reais do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Ao fazermos um *zoom-in* sobre esta imagem, percebemos que ele é formado de milhares de outras imagens. Ao nos aproximarmos das outras imagens, percebemos que se trata de uma imagem de uma mulher, também ela em posição frontal, em pé, na ala das palmeiras reais do Jardim Botânico. Se continuarmos o *zoom*, chegamos diante da mulher. Ela também está parada, olhando frontalmente para o espectador. Se continuarmos nosso *zoom*, percebemos que a imagem da mulher é formada por milhares de fotografias do homem. Podemos continuar nos

aproximando e voltamos ao ponto de partida, que é a foto do homem.

A instalação se constitui em um movimento contínuo – caso se faça um *zoom-in* ou *zoom-out* – que envolve duas pessoas fotografadas frontalmente, em campo – contracampo, como na figura da banda de Moebius, em que a imagem do homem constitui um dos lados de figura e a imagem da mulher, o outro. Percorrer os dois lados significa ir do homem à mulher, sem descontinuidade.

Além das imagens, a instalação apresenta um diálogo especular, entre os dois personagens, mostrando como o cotidiano marca as relações que se estabelecem nos modos de se estar no mundo. Eis o diálogo, incluído no Caderno de Fotos, como complemento ao artigo “Figuras na paisagem: estereoscopia”, de André Parente (2006):

MULHER: Eu quero ver o que você está vendo de mim dentro de você.

HOMEM: Eu quero ver o que você está vendo de mim, do que eu estou vendo de você, dentro de mim.

MULHER: Eu quero ver o que você está vendo de mim, do que eu estou vendo de você, do que você está vendo de mim dentro de você.

HOMEM: Eu quero ver o que você está vendo de mim, do que eu estou vendo de você, do que você está vendo de mim, do que eu estou vendo de você, dentro de mim.

MULHER: Eu quero ver o que você está vendo de mim, do que eu estou vendo de você, do que você está vendo de mim, do que eu estou vendo de você, do que você está vendo de mim dentro de você.

HOMEM: Eu quero ver o que você está vendo de mim, do que eu estou vendo de você, do que você está vendo de mim, do que eu estou vendo de você, do que você está vendo de mim, do que eu estou vendo de você, dentro de mim.

Para Certeau (1994, p. 154), o discurso produz efeitos, não objetos. É um “saber-dizer” que compreende alternâncias e cumplicidades, procedimentos e imbricações ligando as “arte de dizer” às “artes de fazer”:

As mesmas práticas se produzem ora num campo verbal ora num campo gestual; elas jogariam de um ao outro, igualmente táticas e sutis cá e lá; fariam uma troca de si – do trabalho no serão da culinária às lendas e às conversas de comadres, das astúcias da história vivida às da história narrada (1994, p. 153).

Enfim, André Parente com “Figuras na paisagem: estereoscopia” realiza uma possibilidade de inventar o cotidiano com astúcia sutil enquanto tática de resistência. Alterar objetos e códigos é tornar visíveis os outros como legítimo outro.

Segundo Loop – para declamar com os alunos

A sala de aula virando poesia

Maria Lúcia de Amorim Soares, é professora da Universidade de Sorocaba – Uniso, no Programa de Pós-graduação em Educação. Em 1996, defendeu sua Tese de doutorado na Universidade de São Paulo – USP, intitulada “Girassóis ou Heliantos – maneiras criadoras para o conhecer geográfico”, visando uma radiografia da sala de aula tradicional, como também da mente de professores e alunos. Onde flutuam encantos e desencantos, prazeres e fastios, conquistas e frustrações, “numa identificação clara das feridas que dilaceram a educação” (1996, p. 28) quer rasgar seguros horizontes de trabalho propondo instrumentos de transformação no mundo escolar. Entre eles, para minar as bases estruturais do complexo ideológico escolar dominante, traz o uso de uma arma de rebeldia – a poesia no ensino do espaço urbano – visto enquanto objetivação do estudo da cidade, podendo fazer medrar o palimpsesto fragmentado/articulado; reflexo da sociedade/condicionante social, campo simbólico/campo de lutas.

À maneira de *bricoleur* a autora apresenta exemplos de poemas do cubano Nicholas Guilhém que, utilizados com fórceps científicos, incorporam a força plutônica de cidade quando declamados.

Nicolas Guilhén, poeta cubano (1902 – 1989), que viveu no Brasil na casa de Candido Portinari durante a revolução cubana, deglute e vomita a dominação inglesa/francesa/americana em Cuba. Apropria-se do jornalismo, como elemento crítico e critica, através da forma de anúncios publicados diariamente em jornais, para mordiscar, mastigar e engolir o invasor. Flanando pelas citações multitextuais do poeta, a cidade de Havana aflora-nos num jogo entre etnias, políticas e linguagem, num estado de anátesis. (SOARES, 2001, p 45-49)

Poemas para a dominação francesa, publicados em jornais cubanos sob forma de anúncios:

LA GRENOUVILLE

LA RANA RESTAURANT

Anúncio luminescente
intermitente.

CHEZ GAMBOA

Mentecado y nevado de
frutas. Água fria todo el año.
!COMO EM PARIS!

Poemas para a dominação inglesa, publicados em jornais cubanos sob forma de anúncios:

PERFUMERIA CUBANA

Tuétano de oso y León para
fortalecer el cabelo. Miel
de la Reina de Inglaterra,
recomenda por su perfume.
EL RAMILLETE GALO

Poemas para a dominação americana, publicados em jornais, sob forma de anúncios:

SANITURE

Visite a Vênus sin temer a Mercúrio
Ele presentivo oficial del ejército
norteamericano. Em todas las farmácias

MIAMI CLUB

Divertase cada noche bailando com las mejores orquestas de la Havana. Estritamente privado. Clientela distinguida em su mayuría norteamericana. Aviso importante: la Administración o su delegado a la entrada del local se reservan el derecho de admisión, sin explicaciones.

Buffet frío y platos criollos. Show especial a las 12, con la negra Rufina y el negrito Cocaliso, los mejores bailarines de la rumba cubana.

Com sua série “ESCLAVOS EUROPEUS”, Nicolas Guillén estilhaça o núcleo das múltiplas dominações efetuadas sobre Cuba: no caso a escravidão. Faz de cada gesto poético, um gesto político, de cada poema outra sociedade, outra capacidade de futuro, outra contradição, conforme avisa antecipadamente:

AVISO IMPORTANTE

Es sorprendente la semejanza que existe entre el texto de estos anuncios y el lenguaje empleado por los traficantes em esclavos áfricano (negreros) para proponer su mercancía. Forzados por la costumbre general aceptamos su publicación, no sin consignar la repugnancia, que tan infame comercio produce em nuestro espíritu.

VENTAS

Dos blancas jóvenes por su ajuste: em la calle de Cuba casa nº4 impondrán.

CAMBIO

Se cambia um blanco libre de tacha por uma volante de la marca FORD y um perro.
Casa Mortuoria de la Negra Tomasa,
Junto al Callijón del Tambor
(segunda cuadra después de la plaza)
darán razón.

FUGA

Há fugado de casa de su amo um blanco de mediana estatura, ajos azules e pelo colorado, sin zapatos, camisa de listado sobre fondo morado.
Quien lo entregue será gratificado.
San Miguel, 31,
extramuros,

casa que lhaman del Tejado.

Terceiro Loop – para leitura e análise com os alunos

Tlön, Ugbar e Orbis Tertium

Um dos contos incríveis de Jorge Luiz Borges chama-se Tlön, Ugbar e Orbis Tertium. Inicia-se com uma conversa de Borges com Bioy Casares, em que Bioy, no curso do diálogo, recorda um aforismo que leu num verbete de enciclopédia, que diz: “O sexo e os espelhos são coordenáveis, porque multiplicam os homens”. Uma sentença tão altissonante veio de uma edição pirata da Enciclopédia Britânica de 1905. Examinam a enciclopédia de que dispõem na casa em que estavam, mas lá não há esta referência. Consultam outras, em outras bibliotecas, nada encontram. Em sua casa Bioy, verifica que em seu volume existem três páginas a mais, e nestas páginas há uma descrição geográfica de um local chamado Ugbar, uma remota província na Ásia Menor. Dizia-se ali também que a literatura era um tipo fantástico, e se referia sempre às regiões imagináveis de Mlenas e de Tlön.

Passa o tempo, e um dia Borges recebe uma inesperada encomenda de um engenheiro inglês, antigo amigo do seu pai, e no pacote havia um livro em cuja antecapa constava um brasão com o signo “Orbis Tertius”. Tratava-se do décimo volume da primeira enciclopédia de Tlön. A perplexidade de Borges não teve limites: se antes Bioy e ele haviam descoberto num verbete de uma edição pirata da Britânica uma menção a um país imaginário, Ugbar, agora tem em mãos um tomo dedicado a um mundo imaginário, o desconhecido Tlön. Para além dos aspectos bizarros da geografia e da fauna – os tigres transparentes, as montanhas de sangue – Borges admira-se com a linguagem. As linguagens do hemisfério sul não possuíam substantivos, somente verbos: não há “lua”, só lunescer. Já as do hemisfério norte não tinham verbos, e os substantivos eram definidos por encadeamento de adjetivos; assim, lua, ou luar, é “aéreo redondo sobre escuro fundo”. Também se vê que a principal concepção filosófica de Tlön era o idealismo radical.

É num posfácio que Borges nos diz o que houve: uma sociedade no século XVII,

vinculada a uma figura lendária, Christian Rosenkreuss, decidiu conceber e fundar um país perfeito: juntaram-se especialistas e começou-se a descrever os aspectos deste país sem erros. Quando este projeto chegou a América, adquiriu uma dimensão atlântica: em vez de conceber simplesmente um país perfeito, a renovada sociedade resolveu elaborar todo um mundo, inteiramente novo, de uma vez. Dos trabalhos dessa sociedade, surgiram os primeiros quarenta volumes dessa primeira enciclopédia Tlön. Daqui há cem anos, alguém, por acidente ou esforço, poderá encontrar os cem volumes da segunda enciclopédia... Ao imaginar este outro mundo, a sociedade “Orbis Tertius” produziu a maior obra dos homens.

O relato vai se tornando extraordinário a cada parágrafo. A medida que começam a ser divulgadas as características de Tlön, a geografia, a história, as línguas. O mundo terrestre que até aqui chamávamos de real ou concreto, passou a ser cada vez mais penetrado por entidades Tlönianas. Surge no Museu do Vaticano uma antiga bússola grifada no alfabeto desconhecido de Tlön. Encontra-se um cone feito de metal pesadíssimo, que três homens juntos não conseguiam carregar e, depois de tocá-lo, advém uma sensação de opressão – tal como acontecia com certos objetos de culto de uma religião de Tlön. O mundo humano começa a ser penetrado por objetos inéditos sempre mais numerosos, e Borges reconhece que quando, em cem anos, os cem volumes da nova enciclopédia forem descobertos, a invasão imaginária de hoje vai se acentuar ainda mais: o ensino das línguas, da geografia, da matemática será progressivamente substituído pelas línguas, geografia e matemática do novo mundo. “Não se escutará mais o inglês, o francês e o puro espanhol. O mundo será Tlön”.

O que se pretende com o conto de “Tlön, Ugbar e Orbius Tertius” é dizer que estamos vivendo a “Tlönização” do que temos chamado de “realidade”. Ou seja, estaria atuando no mundo contemporâneo um deslocamento de certos fundamentos e certos agentes que nos conduzirão a uma reformatação radical do que tradicionalmente entendemos por realidade. Como positivar os outros numa condição existencial que pressupõe, de modo cada vez mais freqüente, uma situação de comunicação medida por tecnologias que conectam vários espaços e estratos temporais? No caso dos ambientes virtuais, como dimensionar as reações sinestésicas

em ambientes tecnologicamente controlados?

Precária, lacunar e instável seria qualquer resposta. Basta lembrar que a Microsoft patenteou um meio pelo qual nosso próprio corpo serve de placa-mãe, de circuitos para as correntes eletrônicas que portam os fluxos de informação.

Nesse caso nossa própria maneira de perceber não será mediada exteriormente por próteses, transformada inteiramente, inerentemente: ganharemos retinas parcialmente celulares... tão efetivas para nós quanto as somente biológicas têm sido até agora (...) Em vez de uma tela, ele [dispositivo multifuncional] poderia atuar diretamente em nossa retina; em vez de um microfone, a nossa pele mesma poderia servir de condutor para que nosso ouvido escutasse (...) é como se estivéssemos migrado para um tipo de novo homem, que poderíamos chamar de Homo Lumines, o homem que lida com os átomos, com os átomos de substâncias, de atividade, e informação, de luz (...) Então, surgirá quem sabe, daqui alguns anos, a possibilidade de dispormos da escolha entre ser um indivíduo individual ou um indivíduo – “em modo de rede”. Tal como hoje um celular entra em rede com outros celulares, da mesma maneira um cérebro poderá ser um nodo ou um servidor de uma rede e não precisará falar, pois os pensamentos se concatenariam diretamente através desta conexão internalizada. Para alguns, talvez pareça loucura; mas há cinco anos a fotografia digital era loucura, há dez anos, a internet também era loucura. (OLIVEIRA, 2006, p.58-59).

Considerações Finais

No livro *Sociedade Individualizada*, Bauman expressa o pensar de Agnes Heller quando afirma que vive num mundo habitado por

‘Todos, Alguns, Muitos e seus companheiros. De maneira similar, existe Diferença, Número, Conhecimento, Agora, Limite, Tempo, Espaço e também Liberdade, Justiça, Injustiça, e certamente Verdade e Falsidade’. Esses são os principais personagens da peça chamada sociedade, e todos eles ficam muito além do alcance da minha sabedoria moral (agora “meramente intuitiva”), ao que parece imune a qualquer coisa que eu possa fazer, poderosos diante da minha falta de poder, imortais em relação à minha mortalidade; seguros quando comparados aos meus dispare, de forma que estes só causem dano a mim, não a Eles. (BAUMAN, 2008,p.222)

A partir desse entendimento o desafio que se coloca aos estudos do cotidiano escolar é entendê-lo para muito além da idéia deste como espaço de mesmice, repetição e senso comum. É preciso buscar atingir instâncias e dimensões da realidade impossíveis de serem captadas pelo simples estudo do modelo social. O habitual é o mais difícil de ver com olhar de estranhamento, que permite romper com cristalizações nos modos de ver, através do acesso a vivências estéticas e seus significados. Em outras palavras: através de uma educação estética.

Muitas práticas sociais estão em andamento nas diferentes dimensões da complexa e enredada vida cotidiana escolar. Para avançar na compreensão do que é e do que pode representar o cotidiano é que apresentamos alguns princípios orientadores para práticas emancipatórias – uma instalação, algumas poesias e um conto, na busca da desinvisibilização de práticas educativas, enquanto exemplos carregados de uma outra lógica de pensar num novo senso comum ético, a superação da contradição entre razão e emoção.

Nesse sentido, para Bordieu e Passeron (1996) “capital cultural” é um conceito que explicita um novo tipo de capital, um novo recurso social, fonte de distinção e de poder em sociedades em que a posse desse recurso é privilégio de poucos, excluindo as classes desfavorecidas de melhor desempenho escolar. Por essa razão não podemos concluir sem sublinhar que o sistema escolar, predominantemente, reproduz e legitima os privilégios sociais. Formalmente, esse sistema ofereceria a todos oportunidades de acesso ao conhecimento e de obtenção de certificados socialmente úteis. Na realidade, os benefícios que os grupos estariam em condições de conquistar no sistema escolar seriam proporcionais aos recursos que eles já possuem em função de sua posição social (notadamente, o capital cultural). As possibilidades de reversão das desigualdades sociais por meio da escola se mostrariam, assim muito limitadas.

Mas, segundo Simondon (1964, p. 23)

O ser vivo resolve problemas não apenas se adaptando, ou seja, modificando sua relação com o meio (como uma máquina pode fazer), mas modificando-se ele mesmo, inventando estruturas internas novas, introduzindo-se a si mesmo inteiro, nos axiomas dos problemas vitais.

De fato, por tudo que foi dito, podemos afirmar, de modo sintético, que a proposta de apresentação de alguns princípios orientadores para práticas pedagógicas no cotidiano escolar, neste caso contidos no emancipatório de três exemplos “extravagantes”, que a cultura escolar existe “pela e para a desigualdade” (SNYDERS, 1976, p.285). À guisa de fechamento convém enfatizar que é preciso “ranger os dentes”, enquanto se é professor.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada**: vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BORDIEU, Pierre; **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zahar, 2007.
- _____. e PASSERON, J. C. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1996.
- BORGES, Jorge Luis. Tlön, Uqbar, Orbis Tertius. In: Ficções. Porto Alegre: Ed. Globo, 1970.
- CASTORIADIS, Cornelius. **La Monteé de L’insignificance**. Paris: Seail, 1996.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- COURI, Aline. Imagens e sons em loop: tecnologia e repetição na arte. **Dissertação**, Programa de Pós-graduação da Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.
- GUILLÉN, Nicolás. **El Diario que a Diario**. Habana: Editorial Letras e Letras, 1985.
- JAMENSON, Frederic. **Pós-modernismo**: a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 2002.
- MAHEIRIE, Kátia; ZANELLA, Andréa Vieira; DA ROS, Silvia Zanatta. Processos de criação em educadores: uma experiência e suas implicações. **Revista do departamento de Psicologia**, UFF, Niteroi, 19(1), 2007.

MUNHOZ, Silmara Dornellas; ZANELLA, Andréa Vieira. Linguagem escrita e relações estéticas: algumas considerações. **Psicologia em estudo**, 13(2), 2000.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Claudio Martins. **Bourdieu e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

OLIVEIRA, Luiz Alberto. Homo Lumines. In: FATORELLI, Antonio e BRAVO, Fernanda (orgs.). **Limiares da imagem**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

PARENTE, André. Figuras na paisagem: estereoscopia. In: FATORELLI, Antonio e BRAVO, Fernanda (orgs.). **Limiares da imagem**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

SIMONDON, Gilbert. **L'individu et sa genèse psychico-biologique**. Paris: Presses Universitaires de France, 1964.

SOARES, Maria Lúcia de Amorim. **Girassóis ou Heliantos: maneiras criadoras para o conhecer geográfico**. Sorocaba: Prefeitura Municipal, Prêmio Linc, 2001.

VAZQUÉZ, Adolfo Sanches. **Convite à estética**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1999.